

ente

Oriente

Ocidente

Ori

BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O Mundo e a Emergência da Ásia Contemporânea

Da Retrospectiva Histórica à Compreensão da Ásia Contemporânea

Abstract

Returning from China, Marco Polo spoke of a country and a continent of enormous riches, impressive knowledge and hugely advanced administrative skills. In Europe his superlative references were seen as implausible. Nonetheless they reflected the true comparative dimension of Asia.

Contemporary Asia still imposes a feeling of overwhelming weight, which is bound to increase substantially over the next decades.

Asia is home to about 60 % of mankind, which means that its population alone largely outnumbers the population of the rest of the World. Between 1950 and 1995 Asia's population grew by roughly 2 billion people.

The sheer dimension of Asia, both geographical and demographic, is a factor that will unavoidably influence the world of the 21st century.

Ancient commercial links, such as the Silk, Incense and Spices (both land and maritime) routes, as well as past expansion movements such as the Muslim ones, paved the way for economic, cultural, sociological and religious exchanges whose outcome still influences contemporary Asian realities, from the geopolitics of Central Asia to the India-Pakistan rift, the Indonesian internal tensions and Southeast Asian terrorism.

Asia encompasses most of the fastest-growing economies in the world. In ppp terms China is already the second biggest economy in the world and it will plausibly become the biggest one within the next decades.

East Asian economies literally tend to conquer Western markets in a growing range of manufactured goods but also in high-tech and sophisticated services such as software, thus inducing not only a flow of business from the West into Asia but also a net migration of jobs in the same direction. China and India are clearly the front-runners in this new

247

pattem. As a consequence of more developed economies, personal income, in most Asia in general but especially in its Eastern regions, is rapidly increasing and the whole area is emerging in the world economy not only as a major producer but also as an important global consumer.

Understanding the present dynamics and patterns of the Asian economies, as well as their consumption needs, allows us to explain why this continent will growingly pose an overwhelming pressure on the world resources, namely on what concerns energy, food and water, simultaneously raising strong challenges to international environmental management and conservation.

International security is highly, sensitive to the underlying realities in Asia. The extensive instabilities in the Middle East, the dependency on Persian Gulf oil reserves, Islamic radicalism, Al-Qaeda and global and regional terrorism with a fundamental epicentre in Asia are examples of this continent's centrality in present international security.

Nuclear proliferation has also been centred in Asia and all present new nuclear powers belong to the Asian continent. India and Pakistan possess nuclear capabilities and raise the haunting spectre of possible nuclear confrontation. North Korea is already nuclear-capable and Iran's program is a new focus of uncertainty and tensions.

248

Separatism and terrorism in Indonesia as well as in the Philippines, Malaysia and other countries are examples of intra-national instabilities and of cross-region dramas and risks, in an area that is strategically crucial to the world.

Conflicts and tensions are widespread across Asia, from the well-known Middle East problems to the less-known Central Asian fractures to the Tibet question, the Naga people in Northeast India, the Kashmir issue, the Maoist guerrilla in Nepal, the ethnic conflicts in Indonesia, the South China Sea potentially explosive tension or the Tamil actions in Sri Lanka.

At the same time, analysing Asian-style politics and foreseeing what Asia's global political role will likely become in the next decades demands our ability to intelligently understand the deeply rooted feelings, values and cultural references that moulded Asian generations for many centuries, including what many choose to call "Asian Values".

In sum, studying Asia is an intellectual, political and academic challenge that is relevant per se. But understanding past and contemporary Asia is also fundamental either to interpret much of today's international dynamics in politics, security and economics, or to forecast what the new international realities will look like in the next years and decades.

Because Asia is, and will be even more in this new century, a major key to shape and understand the World.

Desde a antiguidade as referências à Ásia tendem a induzir imagens de culturas místicas, de riquezas e de ambientes exóticos, o que inevitavelmente, ao longo dos séculos, conduziu a uma postura de curiosidade relativamente às realidades do Oriente.

As relações entre o Ocidente e a Ásia ao longo dos últimos milénios decorrem parcialmente dessa atracção e, por outro lado, desenvolveram-se, consolidaram-se e sistematizaram-se pelas trocas comerciais largamente motivadas, no Ocidente, pela obtenção de produtos asiáticos que, após introduzidos nos mercados europeus, rapidamente se tomaram extremamente procurados e geradores de elevados preços de venda e, conseqüentemente, de margens de lucro anormalmente atractivas.

A Rota da Seda (com os seus vários ramos), a Rota das Especiarias (quer a inicial terrestre quer a posterior marítima) são exemplos não apenas do interesse comercial que a Ásia intensamente implantou na Europa como também do impacto político que esse comércio despertou, inclusive ao nível das rivalidades, das tensões e mesmo de conflitos que em diferentes fases se materializaram em regiões como a Ásia do Sul e o Médio Oriente, por exemplo entre europeus e asiáticos, entre europeus, turcos e árabes e mesmo entre europeus (entre portugueses e venezianos e, mais tarde, entre diferentes impérios europeus em expansão competitiva na Ásia).

Como sucedeu no contexto da exploração europeia em África e na América Latina, também na Ásia essa exploração foi crescentemente acompanhada pela evangelização, por múltiplas formas de contacto e mesmo por interacções permanentes a partir dos momentos em que se foi procedendo à fixação europeia de entrepostos comerciais, de fortificações e de estruturas coloniais. Os contactos frequentes, e mesmo diários, foram-se generalizando entre europeus e asiáticos na Ásia do Sul, no Sudeste Asiático e na Ásia Oriental em geral, o que, através da interacção de ideias, valores, modos de vida, conhecimentos e sensibilidades, produziu um conjunto de simbioses culturais que em parte se repercutiram até hoje como componentes endémicos da própria identidade asiática contemporânea.

Em síntese, as relações entre a Europa e a Ásia foram sendo desenvolvidas num quadro híbrido de curiosidade civilizacional, interesse comercial, estratégia política de poder, tensões e confrontações militares, inclusive entre ocidentais, implantação colonial e interacção religiosa e cultural.

Em consequência desta complexa matriz de influências obviamente foi sendo acumulado no Ocidente, ao longo dos séculos, um importante grau de conhecimento sobre as realidades asiáticas.

Todavia o séc. XX revela-se como um período angular neste processo de conhecimento. Em primeiro lugar, o processo de descolonização cria, em poucas décadas, um conjunto de realidades significativamente distintas das anteriores, designadamente no plano da presença das estruturas ocidentais. Em segundo lugar, uma grande parte dos países asiáticos sofreu profundas transformações que, em poucas décadas, particularmente após a 2ª Guerra Mundial, os fizeram evoluir imenso nos domínios económico, sociológico, demográfico e político.

A respectiva modernização colocou-os em contacto com a televisão por satélite, a internet, as informações diárias sobre o mundo. O modo de vida, as referências ideológicas, a sensibilidades num mundo globalizado e os padrões de orientação individual e social alteraram-se substancialmente, não só por flutuações quantitativas mas também por reais e profundas transformações sistémicas e qualitativas ao nível do indivíduo e ao nível da sociedade.

Por outras palavras, conhecer a Ásia de hoje e antecipar a Ásia do futuro exige não só a análise retrospectiva dos dados históricos mas também a genuína compreensão da Ásia contemporânea que, mantendo a intemporalidade de muitas das suas características do passado, é hoje uma realidade que é impossível interpretar sem uma análise recente, actual e prospectiva das tendências em curso.

O conhecimento europeu sobre questões asiáticas, crescentemente forte a partir do início do séc. XVI com o desenvolvimento explosivo das relações com o Oriente por via marítima, confronta-se com a actual fase histórica em que muito nessa região muda estruturalmente. Deste reconhecimento infere-se que os estudos asiáticos carecem também de uma focalização da actual época.

Compreensivelmente, Portugal foi durante séculos, no âmbito das potências coloniais europeias, um expoente do estudo das matérias asiáticas. No entanto, em especial durante o séc. XX e particularmente durante e após o período do Estado Novo e do longo e autista “isolamento” nacional, a presença portuguesa nesse continente foi reduzido e decrescente, quer em termos políticos quer em termos económicos, o que também se reflectiu num menor envolvimento dos meios académicos nacionais nos estudos asiáticos para além de campos como o da investigação histórica.

Mas será a Ásia um tema cujo domínio realmente importante para o Ocidente em geral e para Portugal em particular, neste início do séc. XXI?

Ásia - Relevante no Mundo Actual?

Sem prejuízo dos comentários específicos produzidos nos capítulos seguintes será interessante sublinhar um conjunto de aspectos ilustrativos que possam, preambularmente, suscitar e justificar o interesse do tema em foco.

A Ásia congrega cerca de 60 % da população mundial, o que significa que possui muito mais habitantes que todos os outros continentes juntos. Entre cerca de 2 centenas de países hoje existentes apenas dois, ambos asiáticos (China e Índia) detêm quase 40 % da população do planeta.

A Ásia é o continente que regista as maiores taxas de crescimento económico continuado. Com o desenvolvimento económico quase explosivo, particularmente na Ásia Oriental, muitos destes países não só se integram na economia global como produtores extremamente competitivos que progressivamente “invadem” os mercados ocidentais como também se transformam em significativos novos mercados de consumo no contexto mundial. Isto é, o impacto económico da Ásia na economia global será fortíssimo nas próximas décadas e contribuirá substancialmente para reorganizar as linhas de força respectivas.

A China controlava em 2003 já 53 % do mercado norte-americano de vestuário e essa quota deve, neste momento, ultrapassar já os 60 %. Marcas asiáticas de automóveis aumentam, entre 2003 e 2006, a sua capacidade de produção nos Estados Unidos em cerca de 1,2 milhões de unidades por ano.

O poder de compra, a qualidade de vida e os padrões de consumo tendem a aumentar, em especial e de modo muito forte, na Ásia Oriental.

Na Índia e na China o mercado de veículos automóveis duplica aproximadamente em cada 7 anos e deve quintuplicar nas próximas duas décadas.

Com o impressionante crescimento da actividade industrial e do consumo privado na região a Ásia por um lado exercerá uma crescente e por vezes dramática pressão sobre as economias ocidentais e, por outro lado, exercerá uma crítica pressão sobre os recursos naturais e as matérias primas internacionais, desde as matérias primas industriais aos produtos alimentares (designadamente os cereais) e à energia. Muito irá ser profundamente mudado nos equilíbrios internacionais, devido a este “factor asiático”.

O ascendente peso económico da Ásia no contexto mundial, associado à sua dimensão demográfica, conferirá a esta região um maior

peso político global. A Índia, com mais de 1 bilhão de habitantes, é a maior democracia do mundo.

Num novo século quer nasce repleto de preocupações no plano da segurança colectiva é de salientar que grande parte das tensões civilizacionais, dos conflitos e dos riscos emergentes no contexto mundial possuem, de algum modo, o seu epicentro na Ásia. As tensões ligadas ao petróleo, no Médio Oriente e no Mar do Sul da China e os extremismos islâmicos ligados ao terrorismo global (casos do Médio Oriente, do Afeganistão, do Paquistão, da Indonésia, das Filipinas ou da Ásia Central) são exemplos da importância central da Ásia das relações de segurança no âmbito internacional.

É na Ásia que se têm concentrado todos os casos de proliferação nuclear das últimas décadas. Para além das potências nucleares “clássicas” com a excepção da África do Sul (que possuiu arma nucleares que destruiu ainda durante o apartheid) todas as novas potências nucleares se encontram no continente asiático e os programas de possível desenvolvimento de tais capacidades também aí se concentram neste momento.

As tensões entre a Índia e o Paquistão (e as persistentes tensões entre muçulmanos e hindus), os movimentos separatistas no maior país islâmico do mundo, a Indonésia, o crescimento do terrorismo islâmico no sudeste asiático e a nuclearização da Coreia do Norte constituem novos exemplos, infelizmente num quadro em que muitos outros são citáveis.

A concentração militar na região das Coreias e na sua proximidade é a maior do mundo.

Em resumo, é facilmente constatável que a Ásia encerra, quer no sentido do progresso quer no sentido dos riscos, realidades e dinâmicas que, incontavelmente, influenciam hoje, e influenciarão muito mais nas próximas décadas, a forma como o mundo se organiza e opera, os equilíbrios e desequilíbrios globais e, em última análise, a forma de coexistência das nações e o modo de vida dos cidadãos.

Quando Marco Pólo, regressado do Oriente, testemunhou os dados e os conhecimentos que aí adquirira, as suas referências superlativas quando se referia às realidades asiáticas e as dimensões que lhes atribuíam valeram-lhe, na Europa, alguma incredulidade e a designação como “Senhor Milhões”, o que reflectia a dificuldade dos europeus de acreditar que a Ásia em geral, e a China em particular, possuía a dimensão que Marco Pólo lhes descreveu. Mas tinha e tem.

Em pleno séc. XXI talvez seja importante voltar a compreender que a Ásia poderá, novamente, vir a surpreender pela dimensão do seu impacto no mundo. Logicamente, é preferível sedimentar essa percepção

estratégica de forma antecipada e inteligentemente proactiva, em vez de forma consumada e meramente reactiva como é, infelizmente, típico em Portugal e na Europa.

O Peso da Demografia

Detendo muito mais habitantes que todo o resto do mundo em conjunto, toma-se justificado e sensato olhar brevemente algumas das tendências mais relevantes no que se refere à evolução demográfica da Ásia e ao seu impacto interno e global.

Entre 1950 e 1995 a população da Ásia aumentou em cerca de 2 biliões de habitantes. Os índices de mortalidade têm vindo a diminuir bastante. Por outro lado, o índice de fertilidade média também tem decrescido, em especial nas economias mais avançadas (como é característico do crescimento económico), mas durante muitos anos a população continuará ainda a crescer significativamente.

Paralelamente a esse aumento populacional na Ásia, até 2050 é apontada por estudos da ONU uma diminuição de 9 milhões de habitantes na Alemanha, de 16 milhões em Itália, de 9 milhões em Espanha e uma descida da população portuguesa para menos de 9 milhões.

Se considerarmos previsível que, no mesmo período, a população dos Estados Unidos deverá aumentar em cerca de 75 milhões de habitantes, é legítimo prever uma maior marginalização da Europa relativamente aos grandes eixos demográficos do mundo, que em parte se concentrarão mais fortemente na Ásia e nos Estados Unidos, coincidentemente duas regiões de muito maior crescimento económico actual que o europeu.

Enquanto, até 2050, é previsto que toda a Europa, com a excepção do Norte europeu, registre uma nítida diminuição da população, esta deverá crescer cerca de 5 % na Ásia Oriental e deverá duplicar na Ásia Ocidental.

Seguindo a tendência da maior parte do mundo em desenvolvimento, a relação entre o número de trabalhadores e o de cidadãos não produtivos tende a enfraquecer. Enquanto até o presente era típica uma relação de menos de 1 idoso (com idade igual ou superior a 65 anos) para 10 trabalhadores activos, em 2050 é previsível que essa relação aumente para 2 ou 3 cidadãos idosos, com os consequentes desequilíbrios de financiamento dos programas públicos.

Em média, na Ásia, no ano 2050, será de 23 % a percentagem de cidadãos com mais de 60 anos (actualmente 9 %), mas ainda assim

essa percentagem é inferior à projectada para a Europa, de 37 %. Isto é, durante muitas décadas continuará a verificar-se uma maior tensão orçamental social na Europa que na Ásia. De resto, a idade média na Ásia continuará a ser inferior à existente na Europa. Aliás, de acordo com as projecções efectuadas, enquanto em 2050 a idade média da população em Portugal poderá rondar os 50 anos, no Mundo em geral ela será de apenas 37 anos. A Europa será cada vez mais velha, num Mundo bem mais novo.

Em parte da Ásia a população continua a ser, como tipicamente ao longo dos séculos, fortemente rural, mas o desenvolvimento acelerado está a ser acompanhado por uma nítida tendência de urbanização das populações, com efeitos por vezes destabilizadores das infraestruturas das grandes cidades, impreparadas para absorver grandes fluxos migratórios provenientes das áreas rurais, como sucede na China.

Em 2015, das 23 maiores cidades do mundo com mais de 10 milhões de habitantes (isto é, cidades com uma população superior à portuguesa) 14 deverão situar-se na Ásia, incluindo as maiores cidades do mundo, Tóquio e Mumbai, ambas com mais de 26 milhões de habitantes.

Com o desenvolvimento económico a população activa assimila e desenvolve naturalmente novos padrões de actividade económica e de modo de vida. Enquanto na Indonésia 42 % dos trabalhadores se concentram na agricultura e no sector mineiro, 40 % na indústria e 18 % nos serviços, na Coreia do Sul essa distribuição tende a inverter-se, com apenas 9 % na agricultura e nas minas, 64 % na indústria e 27 % nos serviços.

A demografia asiática é um factor de transformação da Ásia mas será também um factor de modificação do Mundo e da forma como este opera.

A Contemporaneidade e as Raízes Culturais

O estudo da Ásia contemporânea não pode ignorar as raízes culturais, os padrões sociológicos, a sensibilidade e os valores que na região foram, ao longo dos milénios e das gerações, moldando e transmitindo um quadro inspiracional que, inevitavelmente, também influencia a sociedade asiática de hoje e do futuro.

A Ásia transforma-se na sua relação com a modernidade e na sua diária interacção com o Mundo, mas toda esta dinâmica evolutiva desenvolve-se em indivíduos que continuam, indelével mas incontornavelmente, a viver com a herança dos valores, das referências, dos hábitos e das sensibilidades em que foram educados e pessoalmente amadurecidos.

Por este motivo é indispensável, neste artigo interdisciplinar sobre a Ásia, um relance sobre esta herança acumulada, principalmente no que ela mais contribui para sedimentar e compreender o modo de estar, de sentir e de agir da Ásia actual.

Desde a antiguidade as vias comerciais desenvolveram e estruturaram relações políticas, culturais, de poder e de dominação. Tais trocas entre as margens do Mediterrâneo constituíram um exemplo desse tipo de dinâmica. As rotas comerciais intra-asiáticas (por exemplo, entre a Ásia Central e a Ásia do Sul, entre a Ásia do Sul e parte do Sudeste Asiático e entre a Ásia Central e a China Ocidental) e as rotas que ligavam a Ásia à Europa geraram interações, choques, aprendizagens e hibridações cujos efeitos em muitos casos são ainda hoje visíveis.

A Rota de Seda (ou, mais exactamente, os seus vários ramos) gerou intercâmbios económicos e civilizacionais. Um dos seus componentes, ligando comercialmente o subcontinente indiano e a região do Karakorum à China, constituiu uma via fundamental na propagação, de Sul para Norte, do budismo, originário na Índia mas hoje muito mais significativo na China e na Ásia Oriental. Quer na via superior quer na via inferior desta Rota em torno do deserto do Taklamakan encontram-se ainda hoje antigos pontos de escala que conservam muito do ambiente e do modo de vida de então, como “nós” de passagem e de troca de mercadorias. Kashgar, reunindo a Leste deste deserto essas vias, igualmente conserva uma função de placa giratória de negócios inter-regionais. Em Itália e na China ainda hoje são tipicamente evidentes resultados das interações de hábitos da Europa e da China antigas, como sucede no forte uso das massas alimentares em Itália e na China.

Na China Ocidental, particularmente em Xinjiang, diversas localidades cuja antiga existência inclui o período da Rota da Seda exibem ainda actualmente uma mistura vibrante de trocas comerciais frequentemente rudimentares mas muito intensas. Em locais como Turfan trocam-se e vendem-se panelas a par de câmaras de vídeo. Estas são regiões que, desde a antiguidade, são locais “de fronteira”, não apenas no sentido estritamente geográfico mas também no plano dos valores, das ideias e das culturas, para além de serem bolsas de economias de transição.

A Rota das Especiarias, inicialmente terrestre e, posteriormente marítima na sequência da expansão dos portugueses. Esta Rota seria consolidada pelos portugueses após a derrota militar (1509) da “ reacção ” da aliança entre venezianos, árabes e turcos para contornar o domínio português do Índico ocidental, que tentava obter directamente as especiarias na

região da actual Malásia e no arquipélago de Sunda por via marítima e sem tocar a Índia. O impacto económico, político, cultural, estratégico e sociológico destes desenvolvimentos, em especial na estruturação da via marítima desta Rota e da sua posterior extensão de exploração até o extremo da Ásia Oriental, induziu realidades que são factores de configuração da Ásia actual.

Aliás, toda a região costeira entre a Costa do Coromandel e o estreito de Malaca fora já intensamente integrada numa anterior rede de trocas comerciais, principalmente desde o início do séc. X.

A Rota do Incensó, largamente induzida entre o Nordeste de África (principalmente a Somália), a Península Arábica, o Golfo Pérsico, a Índia e o Mediterrâneo Oriental, intensificou os movimentos comerciais e os contactos culturais no Sudoeste Asiático.

A propagação do islamismo do Médio Oriente em direcção ao norte da península indiana e, posteriormente, através do actual Bangladesh e por via marítima, para regiões continentais e insulares do Sudeste Asiático, especialmente no séc. XV antes da chegada dos europeus, implantou uma textura religiosa que se mantém pouco alterada até os nossos dias e que hoje está associada a tensões religiosas, de segurança e políticas em parte dessas áreas. Tensões religiosas e étnicas originadas pela expansão islâmica nesse período estão ainda hoje subjacentes às tensões, às várias guerras, à corrida armamentista e à nuclearização de hindus e muçulmanos no subcontinente indiano e nas suas áreas adjacentes, tal como o estão no âmago do terrorismo islâmico no Sudeste Asiático, em vários separatismos e em violentos confrontos na Indonésia e nas Filipinas, por exemplo.

Embora os grandes grupos linguísticos do Sudeste Asiático, o Mon-Khmer, o Malaio-Indonésio e o Indo-Tibetano, mantenham áreas geográficas de alteração relativamente reduzida, os últimos séculos de aceleração de movimentos intra-regionais e de contactos com diversas potências comerciais e coloniais do Ocidente e com as respectivas línguas conduziram a miscigenações de nova variedade linguística. A influência do português, do castelhano, do inglês e, em menor escala, do holandês, são factores historicamente recentes mas decisivamente influentes na Ásia contemporânea.

As passadas relações entre a China e a Índia e a mais recente interacção entre Khmers e Malaios são casos interessantes entre muitos outros na Ásia.

Na Rússia asiática quase 30 grupos étnicos, entre os quais os yakuts, os russos, os koryaks, os tungus e os judeus, continuam a influen-

ciar a respectiva sociedade actual e a sua variabilidade ao longo desta grande extensão territorial.

A presença portuguesa é uma referência obviamente incontornável no âmbito das relações inter-civilizacionais cujos efeitos contribuíram para moldar as realidades asiáticas do presente.

O português como língua franca na Ásia do Sul e Oriental, nomeadamente durante os séculos XVI, XVII e XVIII, foi estruturante. No Ceilão sob domínio holandês o português foi proibido antes de os próprios responsáveis holandeses compreenderem que tinham que estudar e utilizar esta língua para poderem comunicar eficientemente em toda a região e até mesmo para se entenderem com os próprios habitantes do Ceilão.

A presença e a influência política, económica e cultural dos portugueses no reino do Sião durante o “período de Ayuttaya”, no séc. XVI, foi muito importante e reflecte-se em inúmeros vestígios na Tailândia actual. Presentemente vários hotéis de primeira linha e excelentes restaurantes de Bangkok vendem ótimos pastéis de nata cuja receita uma família local conserva há várias gerações desde que a aprendeu com portugueses.

Nomes portugueses são visíveis um pouco por todo o lado entre a costa da Península Arábica e o Japão. Muitas lojas possuem nomes portugueses, sem que há muito tempo alguém aí realmente saiba falar a língua. Obviamente, os fortes e as igrejas de origem portuguesa são muito mais omnipresentes nessas regiões do que a generalidade dos portugueses actuais aparentemente imaginam.

Formas de creoulo português subsistem ou existiram até muito recentemente em múltiplas comunidades na Malásia, na Índia, no Sri Lanka (antigo Ceilão), nas Filipinas e na Indonésia, por exemplo no caso de Batticaloa e de Trincomalee no caso do Sri Lanka.

A malha de religiões fundamentais na Ásia, fruto de uma matriz evolutiva de interacções ao longo dos milénios, continua a influenciar as mentalidades e as referências normativas de hoje, inclusive na inspiração dos modelos políticos, na ética empresarial, na cultura e nas tensões regionais.

Com cerca de 4.000 anos de culto, sem uma estrutura hierárquica e sem fundador, o Hinduísmo, assente nas escrituras Vedas, influencia fortemente a organização da Índia, país com a segunda maior população do mundo e que será a nação mais populosa do planeta dentro de poucas décadas.

A expansão árabe para a Ásia Central, para a China ocidental e, mais a sul, para o norte da Índia e para o Sudeste Asiático, induziu a

actual mancha islâmica que nessas regiões ainda hoje são determinantes nas relações políticas, culturais e sociais.

O Budismo, criado com Buda que nasceu no norte da Índia e que começou a ensinar em Benares, seria posteriormente sujeito a uma profunda cisão (séc. 1 a.c.) e propagar-se-ia com profunda influência para norte e para leste, designadamente até à China.

O Taoísmo, com as suas interpretações no contexto social e cultural e a sua abordagem dos equilíbrios na natureza, é mais uma “via” que uma religião na sua percepção clássica, que sempre coexistiu com o Confucionismo, o qual é igualmente menos uma religião em sentido convencional que uma codificação ética e religiosa focalizada no indivíduo, nas instituições e na organização da sociedade, do poder e dos Estados.

Entender o Taoísmo é importante para compreender o indivíduo e a sociedade em regiões como a Coreia e o Japão, mas perceber o Confucionismo é ainda mais crucial para interpretar a forma como, em grande parte da Ásia Oriental em geral e na China em particular, os indivíduos aceitam e organizam o poder político e a sua filosofia ética predominante na região, o modo como as reformas económicas são impulsionadas e modernizadas a par de um conservadorismo político algo autoritário ou a forma como a conceptualização da legitimidade do poder e da autoridade se projecta.

Afinal, K'ung, fundador do Confucionismo, pretendeu reinterpretar e resistemizar as percepções religiosas da dinastia Zhou, aplicando essa estrutura conceptual à formulação do sistema político, da sua legitimidade e dos seus limites.

Mas o impacto da visão confucionista do indivíduo e da relação entre o indivíduo e as estruturas da sociedade, bem como a respectiva interpretação hierarquizante, normativa e ética do exercício dos poderes do Estado, embebeu, ao longo os séculos, a organização política da Ásia Oriental, de uma forma marcante que atravessa o tempo até ao presente, sendo uma pedra difusa mas basilar daquilo que se foi usando referir, no passado recente e na actualidade, como “Valores Asiáticos”.

Os designados Valores Asiáticos em boa parte não são especificamente asiáticos mas deve reconhecer-se que possuem algumas particularidades pela original mistura de contribuições culturais, sensibilidades, inspirações religiosas e princípios sociais que os configuram, embora sejam mais especificamente convergentes com a forma de sentir na Ásia Oriental do que na Ásia Ocidental ou Central.

Em especial após a 2ª Guerra Mundial os países da Ásia Oriental tentaram, com singular empenho, reforçar esse conceito, por um

lado com o objectivo de cultivar e aprofundar as identidades nacionais e regional na área e, por outro lado, para contrapor ao Ocidente e às suas pretensões impositivas no plano dos valores civilizacionais e políticos, um outro sistema coerente, um modelo alternativo mas forte, de valores da sociedade asiática, inclusive de uma forma que justifique, fundamente e legitime outro tipo de formas de organização política que não seja a dos estereótipos ocidentais, cuja universalidade contestam.

Desta sistematização estruturada de valores, na qual a presença endémica do confucionismo é discreta mas profunda, decorre uma relevância da estrutura familiar na sociedade e um claro respeito pela autoridade, a qual, todavia, é legítima enquanto inspirada pelo serviço aos interesses da comunidade.

Na Ásia contemporânea esta postura transparece, por exemplo, no conceito segundo o qual os países asiáticos devem reformar-se e modernizar-se economicamente, criando riqueza para a comunidade, enquanto o sistema político deve seguir um modelo de relativo autoritarismo paternal, reconhecido na sua legitimidade como tal pelos cidadãos. Privilegia-se a lei e a ordem no interesse dos cidadãos, acima do conceito dos direitos políticos individuais como os entendemos, enquanto o Ocidente é visto como um sistema que evidencia uma crescente amoralidade e uma degradação da dignidade humana.

Para um ocidental que possui uma referência democratizante da legitimidade dos modelos políticos, parece uma grosseira manipulação conceptual o facto de um qualquer regime asiático pretender justificar a manutenção de algum grau de rigidez política a par de uma modernização económica.

No entanto, uma grande parte das populações da Ásia Oriental realmente parece, em algum grau, partilhar essa forma de pensar, julgando-a legítima, obviamente desde que esteja assegurado um “razoável” nível de liberdade operativa e diária dos cidadãos. Na realidade constata-se nestes asiáticos uma preocupação, por vezes quase obsessiva, de bem estar material e de riqueza, enquanto a vida política institucional e partidária e os jogos políticos ao estilo ocidental pouco preocupam e pouco motivam, para além de percentagens pouco expressivas da população.

Como exemplo na China poderá realçar-se que, mesmo no quadro dos estudantes e intelectuais que impulsionaram as contestações chinesas que conduziram ao drama de Tiananmen, actualmente uma parte substancial destes defende uma postura muito mais conservadora e, embora reivindicando um maior grau de liberdade de expressão, elege o progresso económico e a criação de riqueza como objectivo central

(colectiva e individualmente) e assume um maior desprendimento relativamente ao ritmo das reformas políticas em curso.

Os pobres preocupam-se em deixar de o ser e compreendem que as reformas em curso têm registado melhorias impressionantes nesse sentido. As classes médias desejam enriquecer. Os (já muitos) ricos procuram enriquecer ainda mais. As oportunidades para todos multiplicam-se e crescem de um modo que seria inimaginável há poucas décadas. A política é-lhes relativamente indiferente, desde que se continue a caminhar no sentido da prosperidade. Os mais educados não aceitam sentir-se “presos” ou espartilhados nos seus movimentos, nas suas idas às discotecas e aos restaurantes em moda, ou limitados nas suas compras de produtos locais ou ocidentais que, mesmo no mercado das marcas de luxo mundiais, estão agora profusamente disponíveis. Desejam viajar e hoje fazem-no facilmente no país ou no estrangeiro. Obviamente não aceitam constrangimentos na sua liberdade de expressão mas, na realidade, perante os progressos de bem estar registado, a discussão da política no sentido ocidental e “politiqueiro” não os atrai particularmente. Sentem que gozam de uma razoável liberdade e que ela se vai ampliando.

O designado “milagre asiático”, que no pós-Guerra concedeu um crescimento explosivo de economias da Ásia Oriental, assenta nessa visão. Estas economias desenvolveram-se (e continuam a fazê-lo) a ritmos espantosos, enquanto os respectivos sistemas políticos se reformaram mas, tipicamente, sem perder um grau significativo de autoritarismo mais ou menos paternal. Singapura é disso um exemplo, como o é a Coreia do Sul, a Malásia, a Tailândia ou Taiwan e, afinal, como o próprio Japão igualmente demonstrou. A este propósito é interessante notar que a própria organização interna das empresas japonesas, que foi um elemento da sua grande competitividade, é um micro-modelo desses mesmos princípios de hierarquização e de disciplina aceite e participada num ambiente de produção colectiva de um maior grau de riqueza comum.

Actualmente a China segue basicamente esta mesma inspiração que reflecte os “Valores Asiáticos” como eles são mais ou menos conceptualizados e com um espectacular êxito, se aferirmos tal êxito na perspectiva definida por esse sistema de Valores e em função das expectativas médias dos asiáticos.

Em síntese, ao longo dos tempos a fusão simbiótica de influências e intersecções intra-asiáticas e com o Ocidente influencia ainda hoje a forma como a Ásia e os asiáticos pensam, sentem e agem, individual e colectivamente. Considerando que este é um continente económica e politicamente emergente e que possui uma população muito superior à

que existe em todos os restantes continentes juntos, esta compreensão e este enquadramento interpretativo cultural, sociológico e religioso é um indispensável parâmetro de compreensão das realidades contemporâneas e do futuro colectivo mundial.

A Emergência Económica

Em geral, a economia da Ásia encontra-se em forte crescimento, embora as assimetrias existam e os modelos económicos difiram entre regiões diferentes do continente, e apesar das inúmeras disfunções ainda persistentes. Algo que é sintomático da competitividade estrutural da Ásia é, também, o facto de a sua economia ter resistido significativamente ao recente contexto global desfavorável de tendência parcialmente recessionária, ao impacto do 11 de Setembro e das operações no Afeganistão e no Iraque e à crise da Pneumonia Atípica, factores de crise que surgiram quando a Ásia ainda se recompunha da sua crise financeira de 1997/98.

Em particular essa resistência é mais nítida na Ásia Oriental e, em parte, reflecte a criação de grandes mercados de consumo emergentes na própria região, que assim reduz o seu grau de dependência das flutuações de consumo nos mercados ocidentais.

Essa maturação do consumo asiático induz também um grande incremento do comércio intra-regional, enquanto se introduzem reformas importantes nas políticas monetária e fiscal e nos sistemas financeiros parcialmente responsáveis pela crise de 1997/98.

A economia asiática é, de facto, um aglomerado de economias sub-regionais com modelos distintos, que passo a abordar muito ligeiramente.

Na Ásia Oriental, excluindo o Sudeste Asiático (isto é, o conjunto da China, incluindo Hong Kong e Macau, do Japão, das Coreias, da Mongólia e de Taiwan) ressalta o forte crescimento económico, do qual se destaca o crescimento da economia chinesa que se assume progressivamente como futura superpotência económica e que é uma nova âncora da economia regional, quer como produtor quer como consumidor. No Japão as reformas económicas e, ainda mais, as reformas financeiras evoluem embora a um ritmo pouco impressionante.

A Ásia Oriental emerge como uma força impressionante exportadora no comércio mundial, enquanto expande o consumo interno e começa a ser proeminente não apenas na exportação de produtos manufacturados de baixa tecnologia como também na exportação de bens de

alta tecnologia e de serviços sofisticados (por exemplo, nas tecnologias da informação e na produção de software, em conjunto com a Índia).

A Ásia Oriental configura-se como um dos pólos predominantes da economia mundial, reforçando, para o séc. XXI, a perspectiva da criação de fortes ligações entre as economias de ambas as margens do Pacífico, com os Estados Unidos, o que pode tender a marginalizar um pouco a economia europeia relativamente.

A respectiva sub-região do Sudeste Asiático (essencialmente congregando a Malásia, a Tailândia, as Filipinas, Singapura, a Indonésia, o Vietname, o Laos, Myanmar e o Camboja) recupera da crise financeira de 1997/98 de forma surpreendentemente rápida, apesar da crise global.

A este propósito é oportuno esclarecer que a crise do Sudeste Asiático de 1997/98, que provocou ondas de choque a nível mundial, não foi propriamente uma crise económica mas antes uma crise financeira que, inevitavelmente, gerou efeitos económicos.

De facto, com um forte crescimento económico durante décadas e um acentuado crescimento do poder de compra local, a procura interna cresceu bastante e com ela aumentou excessivamente o financiamento bancário a bons e maus projectos. Em especial esta excessiva oferta de capitais induziu um crescimento excessivo dos projectos imobiliários. Estes chegaram a um nível de oferta de espaços construídos que excedia tanto a procura que os promotores e construtores, perante o atraso das vendas, deixaram de poder pagar os empréstimos bancários. Considerando que a banca tinha os seus créditos abundantemente concentrados nesse sector, ela confrontou-se com uma forte redução de liquidez que a forçou à contracção do crédito a outros sectores industriais que, por sua vez, se viram assim privados de financiamento normal, reduzindo a produção, perdendo receitas, efectuando despedimentos em massa e, em síntese, criando uma aparente crise económica que, na verdade, era a consequência de uma crise no sector financeiro.

Essa crise foi grave mas teve a vantagem de obrigar a uma nova metodologia do sector financeiro na Ásia Oriental, que acabou por o robustecer mais do que antes da crise, enquanto a indústria retomava a sua enérgica penetração nos mercados globais.

Num contexto regional de crescimento e crescente prosperidade subsistem, contudo, assimetrias. As economias da Malásia, de Singapura, da Tailândia e das Filipinas crescem bem mais, e mais estavelmente, que as do Laos ou do Vietname.

Existe, no plano das vulnerabilidades, uma sobrecapacidade de manufactura nesta região. Contudo, com o crescimento da procura intra-

regional, um aumento das exportações e a recuperação do turismo e de alguns sectores de serviços, a economia do Sudeste Asiático apresenta perspectivas de grande vitalidade e de fundamentado optimismo.

A constituição da ASEAN (Associação das Nações do Sudeste Asiático) em 1967, que hoje congrega cerca de 500 milhões de habitantes, visou uma estratégia de integração económica dos seus países membros, designadamente através de um maior comércio intra-regional, da criação de uma zona de comércio livre e da criação de economias de escala e sinergias para maximizar a competitividade colectiva nos mercados mundiais.

Seria deslocado abordar a Ásia Oriental sem referir especificamente a China, país fulcral na região, o país mais populoso do mundo, a segunda maior economia do planeta (critério *ppp*) e a sede de uma das mais prodigiosas fases de experimentação económica da história.

Desde a criação das Zonas Económicas Especiais (essencialmente as de Shenzhen e de Zhuhai) e a criação, através da Constituição de 1982, do princípio “1 país, 2 sistemas”, até à constituição da figura constitucional e política das Regiões Administrativas Especiais (aplicadas já a Hong Kong e a Macau mas criadas a pensar também em Taiwan), a China demonstrou, desde o início das reformas de Deng Tsiao Ping em 1978, uma capacidade imaginativa notável, com um resultado que, apesar das disfunções e dos erros, é globalmente impressionante.

Na Ásia do Sul é fortemente destacada a proeminência da economia da Índia, que não só cresce como se abre e começa a interligar-se com a economia mundial de uma forma que não era habitual. A Índia representa mais de 70 % da economia desta região.

O crescimento económico da Ásia do Sul é muito substancial mas o facto de o seu crescimento populacional ser forte conduz a um crescimento do rendimento *per capita* que é modesto.

As assimetrias são flagrantes. Entre a performance económica das Maldivas e a do Afeganistão existe um enorme fosso. No interior da própria Índia as diferenças são claras. Enquanto existem bolsas de tecnologia avançadíssima e mesmo líder a nível mundial encontram-se fenómenos de grande pobreza.

A Índia transformou-se, em poucos anos, numa potência económica que se afirmou nos mercados mundiais dos serviços de alta tecnologia, de tal modo que muitos serviços necessários a empresas europeias e americanas são agora contratadas a empresas na Índia, com a consequência de uma forte deslocalização (nomeadamente por *outsourcing*) de postos de trabalho do Ocidente para a Índia, criando aqui milhões

de empregos que, paralelamente, se extinguem na Europa e nos Estados Unidos em particular.

Enquanto a China absorve e induz um grande fluxo de deslocação de indústrias que desaparecem no Ocidente, a Índia desenvolve um similar papel no âmbito dos serviços, em particular nas tecnologias da informação.

Na Ásia Central o modelo de desenvolvimento económico é diferente. Os países que, nesta região, são resultantes da decomposição da União Soviética, evidenciam sistemas políticos instáveis e profundamente carenciados de reformas e modernização. Embora tendam para o desenvolvimento de economias de mercado, estes países são ainda largamente disfuncionais nesse âmbito. Contudo o respectivo ritmo médio de crescimento económico é elevado.

Trata-se de economias excessivamente dependentes de sectores ou produtos específicos, como sucede com o Turquemenistão relativamente à produção de algodão, assim muito susceptível às flutuações do clima e dos preços internacionais.

Sendo uma região de grande potencial petrolífero, este sector favorece claramente países como o Azerbaijão e o Kazaquistão. De resto o petróleo induz um importante fluxo de investimento internacional para a Ásia Central.

Em grande parte as exportações de petróleo e de gás natural representam os bons indicadores de crescimento económico desta região, tornando menos evidentes as deficiências na estrutura económica em geral.

264

A Geopolítica e a Segurança Regional

Começo por uma breve nota sobre o contorno adoptável para definir geograficamente a Ásia. Os critérios para esta definição nem sempre são universais, pelo que devo explicitar a que utilizo, inclusive neste texto. Existe alguma discussão marginal sobre alguns territórios no Pacífico, mas a discussão sobre o contorno ocidental da Ásia é mais frequente. Nesta análise considero que o perímetro ocidental da Ásia inclui todo o Médio Oriente, assim entendido desde o Suez (o que logicamente abrange Israel), incluindo nesta delimitação espacial a parte asiática da Turquia. É evidente que existe uma certa homogeneidade cultural e sistémica entre os países árabes do Médio Oriente e os do Norte de África, pelo que para alguns indicadores é utilizável esta unidade de análise. No entanto, sem prejuízo de valorizar e interpretar comportamentos transcontinentais,

adopto o critério de considerar a Ásia no conceito continental geográfico. Logicamente incluo a Rússia asiática, que integra a grande parte da superfície deste país.

As diversas sub-regiões da Ásia colocam problemas e desafios nos planos da estabilidade, da segurança e da geopolítica no continente.

Na Ásia Oriental a segurança regional é profundamente dominada pela preocupação latente e incontornável perante as Coreias, inclusive em consequência do programa nuclear norte-coreano na sua (nova, após a anterior crise similar de 1994) fase de crise desde o recomeço do enriquecimento de Plutónio em 1999.

Esta capacidade nuclear (a Coreia possui já efectiva capacidade nuclear e poderá manter um ritmo anual de produção anual de armas nucleares) é crítica não apenas pela capacidade em si mesma mas igualmente porque a Coreia do Norte possui sofisticados meios “de entrega” dessas armas (mísseis) susceptíveis de atingir a Coreia do Sul (inclusive Seul, com 12 milhões de habitantes) a China (alvo implausível), a base naval russa de Vladivostok e ainda, o que configura um risco grave, o Japão.

Mesmo sem considerar a Rússia Oriental, os efectivos militares existentes nos 5 países do Nordeste Asiático que circundam a região da Coreia (China, Japão, as duas Coreias e Taiwan) são superiores aos efectivos totais dos países membros da NATO, o que realça a explosividade potencial de um descontrolo da segurança na região e de um conflito grave.

Deve ser sublinhado que, na realidade, os Estados Unidos, pela sua presença física militar na Ásia Oriental, é considerável como uma potência militar asiática *de facto*. Os efectivos norte-americanos na Coreia do Sul, de cerca de 37.500 homens que irão parcialmente ser deslocados mais para sul na região, são complementados por uma presença militar no Japão, que ronda os 47.000 homens em terra e os 7.000 homens em navios. Esta fortíssima força militar norte-americana na região tem desempenhado um papel central na contenção de esforços ofensivos dos países da área e de dissuasão de conflitos, na última metade de século.

Na Ásia Central, rica em petróleo, o fundamentalismo islâmico, reprimido durante o período soviético, reemerge e é domínio de infiltrações externas por parte de meios radicais. Enquanto ataques terroristas noutros países são largamente noticiados, nesta região eles passam mais despercebidos. Há meses um atentado de terroristas islâmicos em Tashkent provocou cerca de 40 mortos.

A Rússia, que olha os países ex-soviéticos da Ásia Central como uma sua natural área de influência, detesta a progressiva presença

regional de interesses económicos internacionais e a intervenção política dos Estados Unidos e de outros países.

De facto, a Rússia mantém fortes ligações às infraestruturas e à economia destes países, pelo que, pelo menos num ponto, o seu interesse estratégico coincide com o dos Estados Unidos - a estabilização dos regimes da Ásia Central.

Simultaneamente a Rússia, país demasiadamente conotado com a “Europa de Leste”, de facto contém a maior parte do seu território na Ásia (em especial por expansão desde o séc. XVI e na segunda metade do séc. XIX com a ocupação de territórios chineses), estendendo-se até o Pacífico e afirmando-se como uma potência também asiática, por vezes pouco compreendida como tal. De resto, o maior pilar da actual economia russa, a indústria petrolífera, centra-se na Rússia asiática. A projecção de forças da União Soviética era muito forte a Leste e a Rússia do futuro irá reconsolidar essa sua dimensão. A gigantesca base naval de Vladivostok, pouco a norte das Coreias, agora decadente, previsivelmente voltará a constituir um ponto angular da gestão dos equilíbrios militares de toda a Ásia Oriental.

No Sudeste Asiático, região cada vez mais importante para a economia mundial, a prioridade estratégica é, claramente, o combate ao terrorismo, nomeadamente o terrorismo islâmico que se liga transnacionalmente.

266

Na Indonésia, por exemplo, a Jemaah Islamiah é, actualmente, o grupo terrorista mais forte e organizado no universo da Al-Qaeda. Nas Filipinas o grupo Abu Sayyaf e a Frente Moro incrementam a sua interligação com os meios do terrorismo islâmico internacional.

As células terroristas desta região procuram proliferar em praticamente todos os países e a própria Austrália regista um invulgar movimento que visa a implantar células radicais.

Seria insensato e irrealista não sublinhar que muitos factores de instabilidade no Sudeste Asiático são endógenos, designadamente os factores de desagregação territorial e política da Indonésia, mas é uma realidade a acção sistemática de meios extremistas islâmicos externos no sentido de manipular e mesmo absorver esses movimentos locais.

Nesta região múltiplas sub-áreas apresentam conjunturas de riscos, potencialidades e factores de instabilidade e conflito que são específicas. É esse o caso do Mar do Sul da China, compreendido entre o Sudeste Asiático continental, Taiwan, as Filipinas e o Boméu. Sendo uma região que há muitos séculos é palco de intensa actividade, bastante centrada nas zonas de refúgio do Golfo de Tongking e do Golfo da Tailândia

e interligada com vias fluviais de penetração terrestre (rios Mekong e Chao Praya) este Mar é rico em reservas petrolíferas e, por esse motivo, intensamente disputado por diversos países da região. Nesse contexto é compreensível, por exemplo, que as Ilhas Spratly, que morfologicamente pouco passam de rochedos desabitados, sejam acérrimamente reivindicadas por vários países da região, que inclusivamente já por elas combatem. Outros pontos de tensão nessa zona, por exemplo os campos petrolíferos de Natuna, são motivo de fortes tensões e disputas tão discretas como graves.

A constituição da ASEAN representou, inicialmente, um projecto de integração das economias nacionais do Sudeste Asiático, o que teve um honroso grau de sucesso ilustrável pelo grande aumento do comércio intra-regional. Mas a própria ASEAN acabou por acrescer a esses objectivos estratégicos o da segurança regional, criando mecanismos de cooperação colectiva nesse contexto.

Sendo importante recordar que a ASEAN em parte nasceu com um receio colectivo dos países do Sudeste Asiático perante a emergente força da China, hoje esse receio está diluído mas substituído pelo receio da subversão violenta dos movimentos terroristas.

A Ásia do Sul, sendo palco de tensões e conflitos diversos, desde os mais conhecidos, como é o caso do Sri Lanka, aos mais (estranhamente) ignorados, como é o caso dos Naga, acaba por ver a sua preocupação de segurança ciclicamente concentrada nas relações de ancestral tensão e desconfiança entre a Índia e o Paquistão.

Contrariamente ao que é mais habitual noutros casos de tensões culturais e sociais, na perene tensão entre a Índia e o Paquistão as populações são, muito frequentemente, mais radicais e belicosas que os seus líderes políticos. É vulgar verificar que um qualquer incidente marginal ou um facto menor pode provocar, subitamente, desproporcionadas reacções populares de grande dimensão e de óbvia agressividade recíproca entre indianos e paquistaneses.

Embora não seja correcto afirmar-se que desde sempre a relação entre hindus e muçulmanos na Índia foi violenta (a maior parte do tempo de presença islâmica na região foi de convivência pacífica) é indesmentível que no passado mais recente se acumulam as sensações de desconfiança e mesmo, é necessário reconhecê-lo, de frequente ódio.

Estes dois países, que já travaram entre si diversas guerras desde a sua independência, são potências nucleares. Embora no plano militar convencional a Índia tenha ganho a corrida armamentista perante o Paquistão, ambos os países detêm uma efectiva paridade no campo das armas nucleares, com um pouco mais de 40 bombas cada.

O contencioso de Caxemira é central na materialização das tensões indo-paquistanesas, sendo particularmente graves os acontecimentos que envolveram a “ofensiva de Cargill” com a ocupação, por militantes pró-paquistaneses, deste ponto angular de potencial controle do vale de Caxemira.

Apesar de a história recente ter registado fluxos e refluxos nas relações bilaterais indo-paquistanesas e de anteriores passos de aparente conciliação terem sido geralmente gorados, existem razões para crer que a actual fase de desanuviamento tem alguma sustentabilidade, em parte devido a uma nova flexibilidade indiana e a uma surpreendente abertura paquistanesa a que não é alheia a necessidade de o regime do Paquistão isolar os extremistas internos e colaborar com os apoiantes ocidentais que o incentivam a uma pacificação com a Índia e a uma solução do conflito de Caxemira.

É, contudo, necessário compreender que o facto de a Índia se sentir ladeada por dois países islâmicos, a Leste (Bangladesh, o antigo Paquistão Oriental) e a Ocidente (Paquistão), aprofundou nos indianos, desde 1947, um sentimento popular de medo e de isolamento perante inimigos adjacentes (a Índia não possuía aliados verdadeiramente sólidos e fiáveis), sentimento ainda mais vincado pela presença, no interior da própria Índia, de uma população muçulmana de mais de 100 milhões de indivíduos.

Simultaneamente o Paquistão, que deteve breves alianças militares que se desvaneceram nas últimas 4 décadas, sempre se sentiu ameaçado pela presença desproporcionadamente mais forte da adversa e odiada Índia.

O estado de espírito nas populações de ambos os países transformou-se, conseqüentemente, num exemplo de paranoia recíproca e de frequente surrealismo político, que conduziu às corridas armamentistas entre ambas, nos planos convencional e não convencional (neste caso, basicamente o nuclear).

A Ásia está repleta de tensões e conflitos, que em múltiplos casos reflectem o artificialismo dos interesses geopolíticos que estabeleceram fronteiras políticas, designadamente em períodos de colapso de estruturas coloniais ou imperiais.

Isso sucedeu também, por exemplo, em África onde ainda hoje eclodem diversos conflitos horrendos como os massacres inter-étnicos produzidos na África Central, devido ao redesenho de impérios após derrotas em guerra e a implantação de fronteiras pós-coloniais que pouco têm que ver com a realidade social e as homogeneidades e rivalidades étnicas, religiosas e culturais.

Assim, comunidades diferentes e mesmo incompatíveis entre si foram artificialmente forçadas a viver conjuntamente, num novo país, o que criou condições de perene tensão, conflito e mesmo de acções de genocídio. Noutros casos, pelo contrário, assistiu-se à separação de comunidades e etnias relativamente homogêneas, retalhadas e compulsivamente divididas em diferentes países criados administrativamente nas mesas de uns quantos políticos locais e ocidentais.

Nesse contexto, em larga medida como consequência dos rearranjos subsequentes ao fim do Império Otomano, a questão curda é um caso cuja solução exige uma conjugação multipartida, necessariamente na Turquia mas igualmente no Iraque e na Síria, países que incluem minorias curdas. Esta tensão regional entre os curdos e uma “ordem” que a comunidade internacional insensivelmente lhes impôs poderá exibir altos e baixos mas é implausível que possa algum dia possa estabilizar-se política e socialmente enquanto não for encontrada uma solução, que não poderá já ser perfeita mas que terá que ser razoavelmente justa e reconduzidora dos curdos a uma condição de relativa reunificação, autonomia e dignidade.

Enquanto a “ordem” internacional se preocupa (justamente) com a resolução da causa palestina pouco se maça com inúmeras outras causas que no mundo em geral, e na Ásia em particular, envolvem injustiças igual ou superiormente chocantes.

Poderia referir facilmente um embaraçoso número de tais situações na Ásia. Por exemplo, os Naga são um povo de que poucos políticos mundiais alguma vez ouviram falar, que os jornalistas não se maçam em mencionar e que a generalidade dos cidadãos desconhece em absoluto. Contudo, existem em número superior aos palestinianos mas parecem padecer do facto de não terem amigos ricos com o dinheiro do petróleo árabe, do facto de não estarem em conflito com Bush, ou em estratégica parceria com alguma potência importante, e do facto de não assassinares crianças em autocarros escolares com bombas, que facilmente alimentariam cabeçalhos da imprensa. A hipocrisia internacional e a respectiva noção de justiça, de objectividade e de humanidade alimentam injustiças na Ásia (e no Mundo), que semeiam tensões conhecidas e outras latentes mas potencialmente muito graves no futuro.

No caso do exemplo dos Naga o respectivo drama nasce com a fria e calculista “partilha” de um povo e um território entre dois países diferentes, por acordo de bastidores entre dois políticos. Presentemente os Naga, uma orgulhosa tribo das montanhas do flanco ocidental das montanhas da Indochina, encontram-se separados entre a Índia (regiões de Assam, Manipur e Nagaland) e Myanmar. O Mahatma Ghandi insurgiu-se

contra esta ideia mas os políticos indianos e os da antiga Birmânia assim não entenderam.

A Indonésia é outro caso absolutamente caótico de tensões inter-étnicas, embora mais por artificial fusão que por indevida separação.

Xinjiang, na China Ocidental, é um dos poucos casos graves deste tipo de tensão (neste caso, essencialmente inter-cultural) que na Ásia estão a ser inteligentemente esbatidos, apesar de não verdadeiramente resolvido na sua estrutura básica.

Trata-se, em geral, de uma tipologia de tensões que atravessam a Ásia, que o futuro ainda avivará e que na maioria esmagadora dos casos passa largamente despercebida à opinião pública e aos políticos ocidentais.

A estabilidade da Ásia depende também de outros factores mais atípicos. A título ilustrativo desta afirmação poderá mencionar-se a cultura e o tráfico do ópio e dos respectivos produtos, designadamente a heroína. Seria errado julgar que esta é uma questão limitada ao foro da criminalidade ou da droga em si mesmo. Esta é também uma problemática de segurança e estabilidade globais e regionais, por múltiplos motivos dos quais poderei salientar um ângulo específico relacionado com o Afeganistão.

270

Quando, na sequência dos atentados do 11 de Setembro, se iniciou a operação internacional nesse país com o objectivo de destruir os campos de treino e as estruturas centrais de comando da Al-Qaeda, bem como para neutralizar os respectivos apoiantes (essencialmente o próprio regime afegão extremista dos Taliban), um dos factores mais críticos no plano imediato do início dessa operação consistiu no risco de, em desespero, os Taliban, a Al-Qaeda e grupos de interesses a ele ligados, poderem lançar no mercado internacional os enormes stocks de heroína e ópio que no momento possuíam.

Estimando-se que esses stocks equivaliam aproximadamente a 3 anos de consumo na Europa facilmente se compreende que essa forte entrada no mercado de consumo induziria um aumento explosivo de consumo, uma vertiginosa queda temporária do preço da heroína, dessa forma favorecendo o surgimento de muitos novos viciados e, em síntese, semeando um gravíssimo aumento internacional da toxicod dependência de heroína, com um efeito persistente e dramático durante muitos anos. Esta é, na perspectiva da estabilidade das sociedades, uma questão que é, também, de segurança.

A produção de ópio e heroína mantém-se noutras regiões da Ásia, nomeadamente no centro montanhoso da Indochina (principalmente

em Myanmar e no Laos), mas o Afeganistão permanece como líder da respectiva produção.

Em 2003 o Afeganistão foi responsável por cerca de 3 quartos da produção mundial de heroína, enquanto o número internacional de viciados em heroína e opiáceos se calcula em cerca de 13 milhões.

Esta produção ilícita no Afeganistão, no valor de 2,3 biliões de Dólares e no montante de 3.600 toneladas de opio em 2003, equivale a cerca de metade do PIB oficial do país.

Depois de em 2003 a produção de ópio ter já crescido 6 % relativamente a 2002, urna pesquisa efectuada junto dos agricultores do Afeganistão, em Fevereiro de 2004, revelou que 69 % dos agricultores tencionavam realizar e aumentar a produção de opio durante este ano, o que salienta o facto de a necessidade de implementar localmente actividades económicas alternativas é não só um objectivo económico mas também uma exigência de segurança directa no Afeganistão e indirecta na Ásia e no Mundo.

A Ásia apresenta também factores de vulnerabilidade geoestratégica que frequentemente passam despercebidos. A opinião pública está razoavelmente consciente da geoestratégia da produção petrolífera no Médio Oriente e da conseqüente relevância da Península Arábica e do Golfo Pérsico. Contudo, é menos conhecida a importância da Ásia Central e da região do Mar Cáspio, área fulcral na corrida energética das próximas décadas e importante no acesso da Rússia para Sul e na sua ligação aos fluxos de fornecimento energético do Médio Oriente.

Outras regiões asiáticas são discretamente importantes ao nível geoestratégico e condicionam muitas grandes estratégias das potências mundiais, de um modo que é publicamente pouco visível. Por exemplo, a Indonésia é fundamental para o controle de 3 estreitos, o de Malaca, o de Sunda e o de Lombok, que intersectam rotas criticamente vitais para o comércio entre o Ocidente e a Ásia Oriental e para o trânsito de petróleo indispensável à indústria asiática. Uma enorme parte do que consumimos na Europa e na Ásia Oriental passa por esta rota marítima. Se uma instabilidade grave a inviabilizasse, o uso de outras rotas mais longas e morosas imporia uma necessidade de maior capacidade de carga naval mundial, com um aumento significativo dos seguros e das tarifas de transporte, inflacionado o custo de vida internacional a um nível que poderia induzir uma rápida recessão global.

Apesar de isso ser pouco conhecido, o factor que acabo de referir foi determinante para o “fechar de olhos” que a comunidade internacional assumiu perante a ocupação indonésia de Timor Leste durante a

Guerra Fria, pois existiam uma forte determinação em assegurar que os estreitos que atrás referi, próximos de Timor *e centrais na Indonésia, se mantivessem fora do controle do bloco soviético (enquanto este visava exactamente controlá-los).

O Crescimento Asiático e a Pressão Global sobre o Mundo

Com o objectivo de produzir um novo exemplo sobre a forma como a Ásia assume e assumirá uma crescente importância sistémica para as dinâmicas globais, sejam elas económicas, políticas ou estratégicas, uma nota final deste artigo centrar-se-á sobre algumas das linhas de impacto global que o forte crescimento económico da Ásia imporá sobre o mundo, mesmo para além da economia em si mesma.

Esse impacto mundial será cada vez mais forte. Não está em causa apenas a aparentemente imparável penetração dos produtos asiáticos nos mercados ocidentais e a consequente “migração” de postos de trabalho do Ocidente para o Oriente e a conquista de posições de mercado que vão sendo retiradas às empresas europeias e norte-americanas.

Os níveis de impacto serão múltiplos, alguns discretos mas

272 críticos.

O fulgurante crescimento económico da Ásia e da sua indústria, bem como o consequente aumento do consumo das suas populações, eleva enormemente o consumo energético desse continente, do que resulta que os mercados energéticos mundiais estão, e estarão cada vez mais, sujeitos a uma crescente pressão da procura oriental, assim se induzindo uma maior escassez geral e um aumento dos custos da energia internacional, inclusive do petróleo.

O consumo de energia cresceu, durante os últimos 30 anos, em 85 % no Mundo e em cerca de 300 % na Ásia.

A maior actividade transformadora e consumidora aumenta a poluição, designadamente de dióxido de carbono.

O consumo mundial de água sofrerá a mesma pressão, mais regionalizada. O consumo de água na Ásia triplicou nos últimos 50 anos.

Na Ásia em que o consumo privado por habitante cresce substancialmente e em que a população total também aumenta, a necessidade de alimentos incrementa fortemente. A Ásia possui cerca de 60 % da população mundial mas apenas cerca de 30 % da área arável global. Nos últimos 30 anos a população da Ásia cresceu 68 % mas a terra em cultivo aumentou apenas 21 %, basicamente à custa de desflorestação.

A maioria dos países asiáticos com grande crescimento populacional tem grandes limitações de recursos naturais.

Se não aumentar significativamente a respectiva produção interna de cereais a China e a Ásia do Sul poderão ter de quadruplicar as suas importações desses produtos até 2020, comprando-os nos mercados internacionais e desequilibrando-os de modo que pode revelar-se dramático para o Mundo.

Isto é, nas próximas décadas aumentará bastante a pressão de procura asiática sobre os recursos naturais do mundo, com consequências que concorrerão para desequilíbrios nos mercados internacionais e o dramático encarecimento respectivo.

Conclusão

Neste singelo e reduzido texto não procurei perseguir o surrealista objectivo de descrever a Ásia, de a estudar e de a analisar extensa e profundamente de um modo contínuo e totalizador. Isso seria simplesmente impossível, pois a dimensão e a complexidade desta região e da sua interacção com o Mundo actual e das próximas décadas parecem ser tão extensas como a própria Ásia.

Consequentemente tentei apenas escolher alguns aspectos ilustrativos que julgo particularmente relevantes para ajudar a tipificar e compreender a Ásia em si mesma e na sua relação com o mundo.

Espero que estes comentários permitam ajudar a sensibilizar a atenção para o crescente, e porventura quase determinante, impacto que a Ásia introduzirá nas relações mundiais e na alteração do nosso próprio modelo de vida no Ocidente durante as próximas décadas.

273